

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 47 - 7 DE SETEMBRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Hansi Knotech

exclusivo, neste número: ZIEGFELD, visto por MISTINGUETT e JOSEPHINE BAKER



Franchot Tone é apresentado o Sachiko Chibo, estrêlo célebre dos estúdios de Tóquio



Thilly Losch, uma bailarina que vamos ver num filme do United



Doug e Elissa Landi, em «Fidalgo Amador»



Jean Parker toma um banho de sol, no jardim



Freddie Bortholomew, o garoto prodígio, treino-se, no seu moto de 5 H.P.



Buddy Ebsen, o famoso bailarino excêntrico do novo «Parada Maravilhosa», do Metro



Eleanore Powell e sua mãe ouvem Chris Schomberg, mestre de bailados

A situação do cinema em Espanha, durante a guerra civil

O *Cinematographie Française* publica um curioso artigo, sôbre a situação dos cinemas na Catalunha, onde, como se sabe, dominam os governamentais, sob a influência directa da Confederação Nacional do Trabalho e da União Geral dos Trabalhadores. Não ver que se passaram lá coisas muito engraçadas...

«...Devemos começar por dizer que a situação da corporação cinematográfica é extremamente crítica: as salas estiveram três semanas fechadas e as comunicações com as outras cidades, como Saragoça, Sevilha e Burgos, estão interrompidas, em virtude de se encontrarem nas mãos dos rebeldes. Como consequência, os negócios de distribuição são praticamente nulos. Quanto a produção está completamente parada e os estúdios fechados. Os laboratórios encontram-se oficialmente abertos, mas é preciso uma autorização especial dos Sindicatos para se poderem executar os trabalhos encomendados.

Os cinemas de Barcelona reabriram as suas portas, sob um regime inteiramente novo: o cooperativismo. Não há exploração. Tôdas as salas se tornaram em cooperativas, sob o contróle do sindicato (C. N. T.)

Os trabalhadores ou empregados têm as suas partes, no negócio. O anligo empresário ou director tem 200 partes; o operador 100, bem como o fiscal, o electricista, os músicos, o chefe de orquestra e os artistas que compõem a atracção. As indicadoras terão 90 partes, a encarregada do «toilette», 80 partes, etc. etc.

Os lucros da sala serão divididos, nesta esca!a.

Os chamados cinemas de exclusividade foram limitados e divididos em duas categorias: Coliseum, Urquinaona, Fenina e Astória, na primeira; Fantasio, Capitol e Maryland na segunda. Tôdas estas salas terão orquestras, e as primeiras atracções.

Os pregos dos lugares foram adaptados à média das possibilidades do público. As sessões são contínuas, sem intervalos, das 3 da tarde à uma da manhã. A gorgeta foi proibida.

A fim-de dar vida à empresa, os im-

postos foram praticamente reduzidos e a taxa de assistência pública, suprimida.

Encara-se igualmente uma baixa geral no aluguel dos filmes, sabido que os distribuidores serão fixados segundo as sugestões do Commissariado do espectáculo. Quanto aos contratos globais, em curso de execução, serão deminuídos de 30 %.

Encontra-se, como é natural, uma grande reserva nos editores nacionais. Por outro lado, a maioria dos directores das agências americanas estão em férias... no estrangeiro. É difficil saber pois sob que aspecto o problema se vai representar.

Uma coisa se pode apontar como certa, o inicio da época está seriamente comprometido para o distribuidor. E não nos admiraríamos nada, se, ante a incerteza do momento actual, muitos contratos fôsseem anulados. Numa indústria, como a do cinema, onde o elemento crédito tem um papel tão preponderante, estes acontecimentos têm que lhe ser fatalmente nefastos.

O governo fará o possível para ajudar os comerciantes e a instituição da moraltria tranqüilizou muitos espiritos. No caso do cinema, o problema conserva lóda a sua complexidade, sabido que o filme é uma mercadoria de entradas contínuas, e que os contratos são feitos, em geral, tendo em conta as entradas futuras. Não só muitos cinemas continuam parados, como ainda muitas cópias se encontram bloqueadas, nos locais onde a luta se trava.

A realização de filmes, como dizemos acima, está completamente paralizada. Entretanto acaba de se fundar uma nova firma produtora: o Bureau de Informações e Propaganda da C. N. T. que constituiu uma secção Cinematográfica, sob a direcção do nosso colega Matéo Santos.

O fim desta secção cinematográfica da C. N. T. é produzir pelo sistema corlica e social, filmes no género dos produzidos na U. R. S. S., alguns anos depois da revolução.

A primeira produção seria *Júlio Rojo y Negro* e trataria de expor, romancesadamente, o esforço dispendido na luta actual pelas duas organizações irmãs C. N. T. (Confederação Nacional do Tra-

A posição de Portugal, no Concurso Internacional de Cinema de Amadores, em Berlim

Damos, a seguir, o classificação das nações, no Concurso Internacional do Cinema de Amadores, realizado em Berlim:

- 1.º — Alemanha.
- 2.º — França.
- 3.º — Checoslováquia.
- 4.º — Itália.
- 5.º — Hungria.
- 6.º — Holanda.
- 7.º — Portugal.
- 8.º — Suíça.
- 9.º — Austria.
- 10.º — Bélgica.
- 11.º — Jugoslávia.

Os restantes quatro países que concorreram não se conseguiram classificar.

CHARLES BOYER VAI COMEÇAR «SEGREDOS»

Charles Boyer, acompanhado de sua mulher, Pat Patterson, chegou a França, a fim-de interpretar *Segredos*.

MAIS DIVÓRCIOS

Mrs. Edna Bancroft, primeira mulher de George Bancroft tentou um processo de divórcio contra seu marido, que acusa «de tendências polígamas» e de emprego irracional de acelerador...

KOVAL MORREU

Koval, o simpático artista francês, que vimos nalguns filmes morreu, na sua Pátria, em consequência dum pertinaz doença.

balho) e F. A. I. (Federação Anarquista Ibérica). Este filme será dirigido por Matéo Santos.

Dispensamo-nos de comentários. O que aí fica, redigido naquele estilo «convencido» que é próprio dum jornal francês actual dá bem a medida das transformações operadas e dos quais a mais típica é esta de pôem um «chefe de orquestra», um «fianporteur» e um «operador» em níveis — a ganhar o me...

DE «MONSIEUR PIPE» À «Morte a preço reduzido»

NÃO temos até aqui poupadão elogios à humanidade do simpático «Mickey», à sua sede de justiça e ao seu desinteresse pelas coisas terrestres. Também não hesitamos já em condenar o antipático «Popeye», símbolo da brutalidade, cuja voz irrita os tímpanos ao contrário da de «Mickey» que se assemelha a uma lerna carícia.

Resta-nos agora acolher, de braços abertos, um novo personagem que, como «Mickey» e «Popeye», é apenas uma figura de linfa, cujo esqueleto são meia dúzia de braços, vivendo pela imaginação do seu criador e pela tendência do público em personalizar os símbolos que mais se afeilma à sua maneira de ser e de sentir.

Devemos esse personagem ao lápis de um artista parisiense Paul Grimault, que, entusiasmado com o herói de Walt Disney, pensou realizar um filme a cores, de bonecos animados, no qual participasse um personagem bem francês, sem laivos de americanismo. E assim nasceu «Monsieur Pipe».

Há já meses que Paulo Grimault trabalha, pacientemente, nos 10.000 desenhos que constituirão o primeiro filme francês de bonecos animados, o qual terá como título, «Monsieur Pipe piloto», Jean Wiener, por seu turno, escreveu a música que, como a criatura, será 100% francesa.

Veremos nós, em breve, umas Silly Symphonies instaladas em Paris com a

originalidade e humor próprios a tudo o que dali vem?

* * *

Os leitores decerto já sabem que as caríssimas «estrelas» e galãs do cinema mundial não se expõem, com a frequência que se pode deduzir pelo que se vê nos filmes, aos numerosos «incidentes» que neles aparecem, como quedas aparatosas de aeroplano, saltos de combóios em marcha, choques de automóveis e outros.

Em momentos trágicos quem opera não são os Clark Gable ou os Marlene Dietrich, mas sim respeitáveis «duplos» de idêntica estatura e porte. São esses desgraçados quem expõem as costelas, as pernas e os braços, senão o corpo todo, a um possível esmagamento, queda ou colisão. Em Hollywood, chamam-lhes os «stunt-men» ou «stunt-women», consoante se trata de homens ou mulheres.

Dolados de um espírito de sacrifício a toda a prova e de uma notável dose de coragem e sangue-frio, os «stunt-men» e as «stunt-women» arriscam a vida e a saúde a cada passo a troco de uns míseros dólares. A tanto os obriga infelizmente a necessidade de ganhar o pão de cada dia.

Porém, os «beneméritos» produtores resolveram indemnizar as famílias daqueles que, por motivo da sua difícil acção, sofrem qualquer prejuízo. Assim, estabeleceram a seguinte tabela consoante a tragédia ocorre em qualquer das modalidades: queda por uma escada 50 dólares; 2.ª queda, 35; 3.ª queda, 25; salto de um combóio em marcha, 100; esmagamento contra uma parede em automóvel, 150; em cauião, 225; automóvel em chamas, 50; capotagem, 400; queda de um aeroplano, 550; de um biplano, 600.

Se acrescentarmos que os automóveis e aviões nada custam ao produtor pois as casas que fabricam oferecem-nos espontaneamente e gratuitamente como meio de publicidade, temos que confessar que a vida humana se cola, em Hollywood, a preços muito baixos

OPERADOR N.º 13

Os filmes que deram mais dinheiro¹ na América, nos primeiros seis meses de 1936

«Motion Picture Herald» designa os filmes que deram mais dinheiro na América, nos primeiros seis meses de 1936. Compreende, apenas, o presente lista, os filmes que foram estreados dentro daquele período:

1.º — ZIEGFELD, CRIADOR DE ESTRÉLAS (M. G. M.). Realização de Robert Z. Leonard. Intérpretes: William Powell, Myrna Loy e Louise Rainer.

2.º — SIGA A MARINHA (R. K. O.). Realização de Mark Sandrich. Intérpretes: Fred Astaire e Ginger Rogers.

3.º — ROSE MARIE (M. G. M.). Realização de W. S. Van Dike. Intérpretes: Jeannette MacDonald e Nelson Eddy.

4.º — TEMPOS MODERNOS (United Artists). Realização e interpretação de Charlie Chaplin.

5.º — MR. DEEDS GOES TO TOWN (Columbia). Realização de Frank Capra. Intérpretes: Gary Cooper e Jean Arthur.

6.º — CAPTAIN BLOOD (Warner). Realização de Michael Curtiz. Intérprete: Errol Flynn.

7.º — MAGNIFICENT OBSESSION (Universal). Realização de John M. Stahl. Intérpretes: Irene Dunne e Robert Taylor.

8.º — SHOWBOAT (Universal). Realização de Jonnes Whale. Intérpretes: Irene Dunc e Allan Jones.

9.º — THE STORY OF LOUIS PASTEUR (First National). Realização de Wilhelm Dieterle. Intérpretes: Paul Muni e Josephine Hutchinson.

10.º — THE BRIDE COMES HOME (Paramount). Realização de Wesley Ruggles. Intérpretes: Claudette Colbert e Fred Mac Murray.



Uma cena de «O Pirata Bailarino», com Steffi Dunne e Charles Collins

Um filme português na Bienal de Veneza?

Lucie Derain, no último número do «Cinematographic Française», escreve um pouco confusamente:

«A Quarta Exposição Internacional do Cinema, em Veneza, inaugurou-se a 10 de Agosto.

«A maior parte dos países produtores fizeram-se representar. A América, com uma dezena de filmes. A Inglaterra, com cinco filmes. A França, com sete filmes. A Itália, é claro, fez-se representar largamente; depois a Checo Eslováquia e a Alemanha, que enviou os seus melhores e mais recentes filmes. A Espanha com dois filmes; Portugal, com uma fita; o Holanda; nem a Rússia, nem a Suécia concorreram este ano.»

Creemos que se deve tratar dum erro. Portugal, que nos consta, não deve ter enviado filme algum à Exposição de Veneza. Pelo menos, do facto não tivemos conhecimento. A não ser que, à sucopa, tenha sido exportada qualquer fitinha...

Quando isto nos parece estranho e

nos leva a crer que se trate dum lapso de Lucie Derain. Portugal, prudentemente, não se deve ter feito representar — à semelhança do que se deu nos anos precedentes.

Todos os países rodeiam a selecção e envio de filmes para o certame de Veneza de excepcionais cuidados — e não se nos afigura crível que alguém, de ânimo leve, tenha enviado um filme nacional, poro se bater ao lado de «Mayerling», «Kermesse Heroica», «Mary of Scotland», «Great Ziegfeld», «Schlussakord», na disputa do apetecido prémio...

A PARAMOUNT DESISTIU DE REEDITAR «BEAU GESTE»

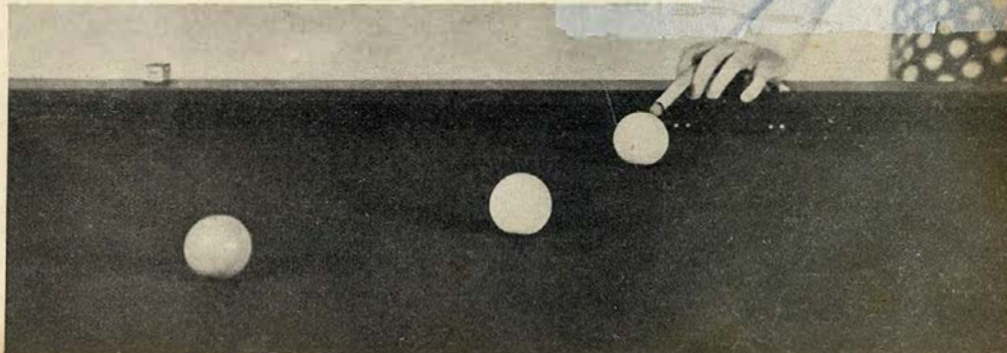
A Paramount acaba de tornar público a sua decisão de abandonar o projecto de reeditar «Beau Geste», um dos maiores êxitos do tempo da mudo. Não se sabe, como motivo, o facto de «Sob duas Bandeiras» e «Já está a 3» não terem um interesse por parte dos mais filmes que se viessem fazendo como local de acção de

A estreia de «Rembrandt»

Alexandre Korda convidou os principais críticos americanos a irem-se a Londres, a fim de assistir à estreia de «Rembrandt».

OS FILMES ALEMÃES NA BIE- NAL DE VENEZA

O Reichsfilmkammer designou os seguintes filmes para serem apresentados na Bienal de Veneza: «O Imperador da Califórnia», «Alotria», «Tranculus», «Mazurka», «O acorde final». Falta designar o sexto filme.



Alice Faye, moreno oscar, joga o bilhar.

A NOVA TEMPORADA

P R O M E T E . . .

Nos últimos dois números de «Cine-Jornal» enunciamos, respectivamente, os filmes da «Metro» e da «Sonoro-Filme» que serão apresentados na próxima época.

Com o mesmo propósito — o de pôr o leitor ao corrente do que irá ver — continuamos hoje a lista, já extensa, das novidades que constituirão outras tantas estreias a dar animação e elegância aos serões do inverno lisboeta.

Vejamos o que nos oferece o Companhia Cinematográfica de Portugal, distribuidora da «20th Century Fox» e de outras firmas produtoras.

SHIRLEY Temple, a filha adoptiva de toda a gente, a mutua-sonho dos casais sem filhos, continuará a sua benemérita missão de nos deliciar e enternecer.

A Pequena Revolucionária, O Anjo do Fúrol e Pobre Menina Rica! são três comédias em que Shirley Temple, agi-

hemos apenas que a cena do nascimento das cinco gémeas é das mais espirituosas que o cinema americano nos tem oferecido.

Se o caso se tivesse dado na Rússia, que esplêndido elemento de propaganda do plano quinquenal!...

* * *

A pesar de esta relação ser dada sem obediência a uma escala de valores, hesitei contudo a qual dos dois filmes me referir primeiro, se *Sob duas Bandeiras*, se *Na véspera da Batalha*.

A minha preferência pessoal vai para *Na véspera da Batalha*. Por ser a versão das «Cruzes de Madeira» de Dorgelès, o melhor livro que se escreveu até hoje sobre a guerra. E classificamo-lo o melhor por duas razões: pela forma literária e pela isenção com que foi escrito. Dorgelès disse-nos o que foi a guerra, as suas grandezas e as suas misérias, sem aplaudir a carnificina nem mostrar

sitos pacifistas. «Cruzes de madeira» a guerra vista por um latino, por este ou por aquele Ocidente, por isso a vemos melhor.

que confessar que actualmente o cinema americano estava habilitado a dar uma versão que não diminua a obra.

o elenco do filme foi entregue a Freemarch, a Warner Baxter, a Lionel nore e June Lang. Confieiros.

nterpretes de *Sob duas Bandeiras* onald Colman, Cladette Colbert e r Mac Laglen.

unam ao filme «o *Beau Geste* do a sonoro». Tem milhares de figu-

enário de Marrocos veremos Cladette Colbert que nos aparece sempre diferente em cada filme, e Ronald Colman que por tanto tempo andou esquecido. Já sabemos o que há a esperar de Vilor Mac Laglen: um excelente trabalho.

A 20th Century Fox também contribui para um dos aspectos mais curiosos de que a próxima época se reveste: a exibição do cinema colorido em filmes de grande metragem.

Asas da Alvorada é o primeiro filme em technicolor tricolor, feito em Inglaterra. Vamos ver de que cor são os olhos de Annabella...

Também é em technicolor a versão da famosa opereta *Ramona*, com a simpá-

lica Loretta Young na protagonista. E bem assim *A Rainha de Sábá*, reconstituição histórica de grande envergadura.

Estamos daqui a ver os dois partidos que se formarão: os coloridos e os incolores...

* * *

Os filmes de Charlie Chan, o detective chinês, descendem em linha recta dos *Mistérios de Nova York*. Sherlock Holmes transportado às paragens do ex-Celeste Império ganha em engenhosidade e argúcia, sem perder nada da fleugma hriânica.

Não há dúvida que Warner Oland, com a sua interpretação, de Charlie Chan, conquistou um numero e entusiástico público.

Charlie Chan na Xangai, Charlie Chan na Califórnia e Charlie Chan no circo, prometem ser outros tantos filmes de arrojadas aventuras, cheios de emoção e de mistério, a «ne pas voir la nuit»...

* * *

Para temperar este «cock-tail», depois dos filmes policiaes, damos noticia duma delicada obra de arte: *Como quiseres...* (As you like it), versão da comédia célebre de Shakespeare, com Elizabeth Bergner.

Elizabeth Bergner não anda editada em bilhetes postais ilustrados, de fato de banho e sorriso garoto. É uma das mais destacadas actrices de cinema alemão. A sua actuação em *Catarina da Rússia* dá-nos bem a medida do seu talento.

Agora uma comédia americana, do género que estamos habituados a ver: bem urdida, leve, perfeitamente desempenhada e essencialmente cinematográfica. Chama-se *Tinha que acontecer...* e é desempenhada pela insinuante e fina Rosalind Russel, a mais aristocrática das actrices de cinema depois da Diana Wynyard.

Lembram-se de *O sinal do Zorro* com o Douglas Fairbanks? Foi muito falado. Pois agora é cantado. Lawrence Tibbett aparece-nos de novo com a sua voz bem timbrada de barítono.

O prisioneiro da ilha dos tubarões é desempenhado por Warner Baxter e Glória Stuart. O título é ténico. Mas íamos a apostar que ludo acabará em

ben: o Warner a abraçar a glória, e os tubarões, coitaditos, com a barriga a dar horas...

Atrás da Montanha é um filme da natureza, de amor sadio, sem «média-luz» nem «háton».

Ao cair da tarde, à sombra da montanha, Paul Kelly estreitará, em silêncio, as mãos de Rochelle Hudson, enquanto Buck, o cão inteligente, se estende aos pés do dono, como símbolo da fidelidade...

Mais ainda: *Espuma de champagne* — Monte Carlo, Rivera, os Alpes... e Helen Wood.

Passageiros da vida — Filme de emoção, com Claire Trevor.

A Companhia Cinematográfica de Portugal, além destes e doutros filmes da 20th Century Fox, distribuirá também para a próxima época produções de outras procedências, como da «Universal».

Teremos Maurice Chevalier, em dois filmes que se estão a realizar em França, e toda a pleiade de artistas francezes nossos conhecidos: Henry Garat, Fernand Gravey, Lucien Baroux, etc.

A seu tempo, quando esteja constituída definitivamente a relação, voltaremos possivelmente ao assunto.

* * *

Uma referência ainda aos filmes de Pamplinas, em duas partes, à maneira antiga de Busler Keaton que, assim, voltou ao bom caminho.

Quanto mais apreensivos são os tempos que passam, mais sobe a cotação dos actores cómicos. É uma terapêutica de resultados já reconhecidos.

Não menos sadios são os filmes de aventuras em que entra George O'Brien: *A mina roubada*, *Policia da montanha* e *A lóda a velocidade*. Qualquer comentário tiraria o sabor a estes títulos.

* * *

Para fechar: *Exatse*, de Machaty, o realizador checo do *Erotikon*. Tem sido muito falados e muito criticados: o filme e o realizador, a intenção e a factura...

É até o próximo número.

ANTÓNIO DE CARVALHO XENES



Um famoso bailarino excêntrico das «Festas Maravilhosas», da Metro



Em dúvida alguma. As Cine Gém.

As cinco gémeas Dionne não são produto de fantasia. O cinema apenas as descobriu; não teve, para as apresentar, de recorrer a truques complicados, a espelhos mais ou menos inclinados. Elas existem. O filme tem mesmo muito de documentário. E é também farsa. E drama (compreende-se...).

Quando foram dizer a John Quaten que seria o pai das pequerruchas, ia tendo uma sineope...

Ainda não vimos o filme, mas deve ser na verdade sumamente curioso. Sa-

JOAN
CRAWFORD,
durante as
filmagens
do seu
mais recente
filme





UM GRANDE ACTOR

A juventude de Henri-Marie Baur, o futuro Harry, foi dura e atormentada. Poucos dias depois do seu nascimento, os pais viram-se na necessidade de trespassar o negocio com que se tinham estabelecido no «boulevard» Voltaire.

Isto significa que estavam arruinados. Foi neste ambiente que Harry passou a infância, ao lado de seu pai — homem tímido e incapaz duma iniciativa salvadora —, de sua mãe — que conseguiu encontrar na religião coragem para suportar mil infelicidades — e de suas duas irmãs mais velhas, das quais Blanche foi sempre para elle, através de todas as vicissitudes da existência, a pessoa mais fiel e amiga, debaixo de todos os aspectos.

Naquele meio calmo, a sua constante agitação fazia-se sentir demasiadamente.

Aos treze anos saiu do seminário e foi para Marselha.

Para viver, fêz-se pescador, vendedor de laranjas, representante de sabões, pomadas... e sei lá.

Simultaneamente, procurou completar a sua instrução, frequentando bibliotecas e cursos nocturnos.

Aos quinze anos, a mãe conseguiu que entrasse para o colégio de Saint-Nazaire. A entrada para o colégio fêz sucesso, graças ao seu espirito de iniciativa, à sua camaradagem, e, principalmente, devido à popularidade que conseguiu em virtude das extraordinárias faculdades atléticas e desportivas que possuía.

comerciantes, foi sempre, na vida prática, um péssimo negociante.

Esta falta de jeito para o comércio era compensada por uma extraordinária habilidade para os desportos.

Baur praticava todos os desportos: natação, foot-ball, cricket, basket-ball, box, luta, rugby, remo...

Com Fernand Bouisson — que foi um técnico em questões de desporto antes de ser um técnico em questões parlamentares — e outros amigos, fundou duas colectividades que possuem hoje fama: «Olympique de Marseille» e «Cercle Nautique».

Em qualquer destes clubes distinguuiu-se pelas suas proezas.

Passado o serviço militar, voltou para Paris. Estava nesta cidade há poucos dias quando, por acaso, foi ver Lucien Guitry interpretar, no «Renaissance», uma peça que fazia sucesso: «Amants».

Quando Harry Baur saiu do teatro com os olhos dilatados pela emoção, tinha resolvido que tentaria a vida de actor, custasse o que custasse.

Tentou entrar para o Conservatório, mas por duas vezes foi eliminado.

Não perdeu o entusiasmo, nem a fé, com tão pouco.

Recorreu, novamente, a mil e um processos para conseguir viver. Faz desenhos para bordados, dá lições de literatura, cuida da expansão de marcas comerciais menos conhecidas... e sempre pensando em realizar um determinado projecto: trabalhar para o teatro.

Grças à sua extraordinária preserverança, conseguiu ser contratado para interpretar um pequeno papel no «Comédie Mondaine».

Depois começou a frequentar assiduamente o «Grand Guignol», na esperança de obter qualquer contrato.

Assistiu à leitura de «L'affaire Paclut»; o autor entregou-lhe o papel de «porteiro», que tem uma relativa importância. Passadas duas horas já sabia todo o papel para que o director do teatro — Max Maurey — não se opusesse ao contrato. Mas, pelo contrário, Maurey ficou satisfeito com a estreia, e deixou-o agregado ao «elenco» do teatro. Apareceu, novamente, com certo successo, na peça de Fragerol, intitulada «Hyménés»; depois em «La Peste Rouge», e a certa altura apparece em cena coberto por uma mortalha e com a cara completamente em sangue.

Os primeiros êxitos embriagaram o nôvel actor. Chega a ser insuportável a sua alegria, por tão ruidosa que é. São inúmeras as suas «blagues»; muitas delas tornaram-se célebres. A noite, depois de terminada a representação, passa-a com Picasso, Max Jacob, Appolinaire, Luce, e todo esse célebre grupo do «Lapin à Giles», que ainda hoje se evoca.

Depois foi aplaudido no Odeon, no Théâtre Michel...

Nesta época dava-se já com Tristan Bernard, Jules Bernard, Mirbeau, Courteline, Coolus, Regis Gignoux...

Em 1910 casou-se, e dentro em pouco tempo era pai dum saudável e desempenado rapaz. Sua mulher, adoece com febre tifoide, e logo a seguir Harry Baur. Surgem complicações — entre elas uma paralisia facial — e Baur é internado num hospital, onde esteve dezoito meses entre a vida e a morte.

Tenta novamente entrar para o teatro, mas o público já o esqueceu. Consegue, a muito custo, interpretar pequenos papéis.

Aquele que hoje é contratado por cem mil francos, ganhava então dez francos por noite. Com isto, tinha que sustentar a família. Então, Harry Baur abandona por algum tempo a arte dramática, e quando terminou a guerra estava a orientar uma propriedade agricola, na provincia.

Mas depois do armistício, a Europa entregou-se a prazer e às diversões com um entusiasmo quasi doentio. As salas de espectáculos são pequenas para tantos espectadores. Harry Baur volta a Paris, e surge novamente no palco em peças successivas: «Veille d'Armes», «L'école des cocottes», «Le Roi», «Le Greluchon délicat», «Le Procès de Mary Dugan»... E de peça para peça, o seu nome vai-se tornando mais conhecido, até que conquista a popularidade.

Entretanto, convidam-no para director do Sindicato dos Artistas, e depois para presidente da «União dos Artistas Franceses».

A pesar de tudo isto, não esquece a familia. Durante a sua estadia no hospital, nasceu outro miúdo. É Harry Baur quem lhes dá as lições de gymnastica.

«As alegrias da Arte não são absolutamente nada comparadas com as alegrias da Familia».

Quando a felicidade o envolvia, perde, com um ano de intervalo, a esposa e o filho mais velho.

Harry Baur apparece, no cinema, em 1930. Filma «Cap Perdu», em Londres. Depois, «David Golder» impõe-o repentinamente como um dos principais actores da pantalha.

Depois deste filme, trabalha quasi sem interrupção: «Le Juif Polonais», «Criminels», «Poil de Carotte», «La Tête d'un Homme», «Les Misérables», «Rothschild», «Cette vieille canaille»; e ultimamente: «Les nuits moscovites», «Un homme en or», «Le Greluchon délicat», «Les yeux noirs», «Creme et châtiment», «Tarass Boulba», «Samsons», «Le Golem», «Hommes nouveaux» e «Beethoven».

A fama de Harry Baur como actor de cinema, é, hoje em dia, universal. Em virtude do perfil, da voz grave e da máscara expres-

HARRY BAUR

Quando o pai de Harry Baur estava a conquistar uma melhor situação financeira — quando toda a familia começava já a viver sem que a vida fôsse um tormento — a morte levou-o. Tinha Harry oito anos. Sua mãe, com o desgosto, caiu gravemente doente. Então, alguns amigos bem intencionados, conseguiram interná-lo num seminário.

Passado pouco tempo, reconheceram que o temperamento do pequeno protegido não se coadunava com a vida eclesiástica. Era leal, generoso, mas demasiadamente turbulento, impulsivo, um pouco zaragatelo e bastante indisciplinado.

Dentro em pouco tempo, elle era o «cabeça» de todas as iniciativas.

Quando saiu deste colégio, voltou para Marselha e matriculou-se na escola de hydrografia. Mas o seu espirito combativo prejudicou-o. Passado um ano teve uma discussão tão violenta com determinado professor que se viu obrigado a desistir do curso.

A vida tornou-se-lhe novamente difficil. Fêz-se representante de inúmeros productos: águas minerais, productos farmacêuticos, azeite, etc., etc.... Mas era um detestável representante. Harry Baur, que hoje sabe, como poucos, encarnar os mais variados tipos de

Passam a noite no «Rad Mords», em «l'Abbaye de Thélème», no «Lapin» e no «Paul», em discussões e blagues. Só se separam ao amanhecer.

Foi despedido por Max Maurey em virtude da maneira como se quis apresentar caracterizado na última representação de «La Peste Rouge».

Entrou, então, no Palais-Royal para representar uma «vaudeville».

Em 1907 foi para o Théâtre Antoine, onde lhe entregaram o primeiro papel importante. Fêz o elegante bandido Moriatti, da peça «Sherlock».

siva, é o único acto francês que pode encarnar papéis com as características que atrás apontei.

Que todos aqueles que invejam a sua fama e desejam igual popularidade, meditem na sua vida.

Pode ser que cheguem à conclusão de que este grande actor sabe, tão excepcionalmente, transmitir-nos a dor e o sofrimento das personagens que encarna, porque elle próprio já viveu todas essas tragédias que agora representa.

Muitas vezes Harry Baur não representa revive a vida.

SEGREDOS DE BELEZA



vê em tôdas as «toilettes». A outro, deve ser em madeira, com sêdas longas e macios. Com esta deverã escovar o cabelo, em tôdos os sentidos, penteando sucessivamente as várias madeixas.

Leile Hyams evita os cabelereiros, e ela própria, que tem um lindo cabelo ondedado, faz os caracóis e vinca as ondas. Sharon Lynne e Mary Carlisle usam papelates especiais. E Dorothy Lee vaporisa a Água de Colônia, no seu cabelo, poro o frizar...

COMO SIMONE CERDAN SE TORNOU LOIRA

Éra moreno. Tinha o cabelo castanho. Um belo dia, quis tornar o cabelo loiro como os trigos. Que fiz então? E Simone Cerdan conta:

Além da camanilha alemã, usei uma infusão especial, preparada desta forma: queimava fôlhas de hera, para obter uma cinza muito fino. Numa coçarola à parte, fervia fôlhas da mesma trepadeira. Depois, vertia a água num recipiente, que continha a cinza, envolto num trapo, a-fim-de não se derramar. Pouco mais ou menos, como



TEMOS dedicado, em números precedentes, algumas páginas aos segredos das belezas das vedetas do tela. De todos os pontos, nos chegamos pedidos para que não deixemos de os publicar regularmente. As nossos leitores fazemos, pois, a promessa de atender os seus desejos, na medida do possível. Entretanto, vejamos alguns segredos de beleza, de várias estrelas.

O DESENHO DAS SOBRANCELHAS, SEGUNDO LISETTE LANVIN

A sobroncelha não deve ter «maquillage» alguma, declara Lisette Lanvin. Quando muito, um ligeiro traço o «crayon».

O «crayon» deve ser castanho, e não preto, salvo se o cabelo for preto como aze-viche ou loiro pálido.

Na face devem atender ainda a este pormenor: não deixem de corar ligeiramente o lábio da ornelha, o interior dos narinos, e até as narinas e a língua, se forem demasiada pálidas. São pequenos detalhes muito importantes.

A BELEZA DO CABELO NA OPINIÃO DE LEILA HYAMS

Para se obter a beleza do cabelo, Leila Hyams preconiza o uso de duas escovas. Uma, mais decorativa do que útil, é aquela, com afeitas de preta e de marfim, que se

platinado uma cabelreira tingida de ruivo ou preto, justamente para eliminar os efeitos da pintura. É mais difícil, porém, e mais demorado.

O CABELO DA CÔR DOS FATOS...

Tem-se dito que o descoloração para loiro platinado é prejudicial à saúde. Se o cabelo for são e normalmente abundante, em nada prejudicará. O cabelo corre o risco apenas de se tornar espesso e «rebelde». É imprescindível lavar duas vezes por semana, pelo menos, o cabelo loiro platinado.

Antes de cada lavagem devem-se fazer alguns massagens com ozeite perfumado (ou outro óleo qualquer), a-fim-de que o cabelo tome brilho e se molde bem.

Houve já quem quisesse lançar a moda de pintar o cabelo da cor dos fotos. Em Paris e Nova-York, houve cabelereiros que se especializaram em pinturas transitórias, a azul, «mauve» e rosa. Tive ocasião de ver uma mulher, com um vestido cor de lilaz, guarnecida a violetas de Pormo — e com o cabelo da cor destes.

Em Paris, uso-se agora também uma brilhantina, que se fabrica em três tons (prato, palha e linho), e que transformo os cabelereiros por completo, dando-lhe por completo esse tom.

Quere dizer: já não nos podemos rir das mulheres obexins, que ensopam o cabelo em banha e graxa.

A moda parisiense é idêntica!
Apenas um pouco mais «raffinée»...

ROSA MARIA.



se prepara a lexivia, no campo. Com este liquido, bem filtrado, lavava depois.

Este processo dá resultado somente quando se tem já o cabelo com tendências para alairar.

Quanto às verdadeiras descolorações, só se obtém com água oxigenada. Há muitos produtos, onde ela parece não entrar. E, no entanto, todos a têm, mais ou menos, como base.

Para o loiro platinado, utiliza-se a água oxigenada a 30 volumes, com algumas gotas de água oxigenada a 100 volumes e amoniaco. Deve conservar-se o cabelo bem húmido durante três horas, e, no caso dele secar, molhá-lo novamente.

Deve empregar-se a água de Javel na casa de se pretender descolorar para loiro



TU ÉS A MINHA FELICIDADE . . .

(Du bist mein Glück, mein Leben)

Grande comédia dramática com o mais célebre tenor do mundo **BENJAMINO GIGLI** * Isa Miranda, Gustav Waldau e Josef Sieber, etc. * Realizador: Carl Heinz Martin * Produção: Gigli Film da Bavaria * Versão alemã.



VALSA REAL

(Valse Royale)

Comédia musical de grande luxo com as grandes artistas **HENRY GARAT** * Renee Saint-Cyr, Mila Parély, etc. * Realizador: Jean Grémillon * Produção: U. F. A. * Versão Francesa.



ROSAS NEGRAS

(Roses Noires)

Um filme enternecedor com a insinuante artista **LILIAN HARVEY** * Willy Fritsch * Realizador: Paul Martin * Produção: U. F. A. * Versão Alemã.



O CASTELO DE FLANDRES

(Das Schloss in Flandern)

Um filme encantador com a artista mais querida do telo **MARTA EGGERTH** * Paul Hartmann, Georg Alexander, Paul Otto, etc. * Realizador: Geco von Bolvary * Produção Tobis Cinema * Versão alemã.



IMPERADOR DA CALIFORNIA

(Der Kaiser von Kalifornien)

Uma obra magnífica, que foi apresentada nas Olimpíadas, em Berlim. * Artistas: **LUIZ TRENKER** e Viktorio V. Ballasko * Realização de Luiz Trenker * Produção: Tobis * Versão Alemã.

A SOCIEDADE
RAUL LOPES FREIRE, L. DA

tem a honra de apresentar o

1.º GRUPO DE FILMES

para a época de 1936 - 1937

SEDE EM LISBOA

Praça dos Restauradores, 35, 1.º

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Passos Manuel, 148



LUA DE MEL

(Flitterwochen)

Uma comédia deliciosa com o célebre artista **ANNY ONDRA** * Realizador Karl Lomac * Produção: U. F. A. * Versão Alemã.




CAVALARIA LIGEIRA

(Cavalerie Légère)

Extraordinário drama de circo com magnífica interpretação dos artistas **MONA GOYA** * Constant Rémy, Gabriel Gabrio, etc. * Realizador: Werner Hochbaum * Produção: U. F. A. * Versão Francesa.

6 filmes de aventuras

(Cow-Boys)

10 culturais da 

12 desenhos coloridos

15 atracções diversas

6 cinefonias

6 tecnicolores



OS DOIS FAVORITOS

(Les deux Favoris)

Magnífica comédia musical com os artistas **LISETTE LANVIN**, Thommy Bourdelle, Alfred Pizello, etc. * Realizador: Georg Jacoby * Produção: U. F. A. * Versão Francesa.

EM
DEZEMBRO:
O
2.º GRUPO
DA
EPOCA

1936-1937



A VOZ DA SELVA

(Der Dschungel Ruft)

Esplêndido filme de aventuras com os artistas **HARRY PIEL** * Paul Henckels, Ursulo Grabley, Gerda Maurus * Realização de Harry Piel * Produção: Tobis * Versão Alemã.



durante oito meses, *Autumn Crocus*. Mais tarde, com um sucesso incomparável, interpretou *O Gato e o Violino*, a célebre opereta de onde se extraiu o filme do mesmo nome, que Jeannette MacDonald e Ramon Novarro interpretaram.

E daí a Hollywood foi um passo.

* * *

Interpretou vários filmes para a R. K. O. Foi a primeira casa produtora que o contratou. Depois, a United, tendo em vista as belíssimas provas prestadas, contratou-o também. O seu filme mais célebre: *One Rain Afternoon*. Ao lado de Loretta Young, Francis Lederer vai

AS leitoras já ouviram falar de Francis Lederer? Conhecem-no? Contam-no no número dos seus favoritos? Em cada cem, apostamos que noventa respostas seriam negativas. E, no entanto, Francis Lederer é hoje um nome mágico na América e a sua figura varonil e simpática tem feito bater apressadamente muitos corações femininos. Francis é hoje o homem do momento, nos Estados Unidos. Os seus filmes têm um «box-attraction» inegável. São dos que dão dinheiro. São dos que interessam aos exibidores — porque são também dos que interessam às mulheres, pela presença inconfundível do astro, que é hoje um dos seus ídolos.

Vamos dar alguns pormenores sobre a carreira deste artista que a Europa não tardará em distinguir também.

* * *

Nasceu em Praga, na Checo-Eslováquia. Passamos por alto os dias da sua infância e adolescência, que não interessam especialmente para o esboço da sua carreira, que pretendemos reconstituir.

Devemos frisar, no entanto, que, desde garoto, revelou excepcionais qualidades para o Teatro. Menino ainda, recitava já os clássicos com singular elevação. A atracção do palco agravou-se, à medida que foi crescendo. E, quando chegou à idade própria, conseguiu um contrato no Deutches Theatre, de Praga. Vale a pena referir as condições em que o facto se deu.

Francis Lederer, como a mania do Teatro lhe desse para frequentar o mais assiduamente possível a «caixa» do «Deutches», familiarizou-se, quasi sem sentir, com o ambiente de bastidores. A força de ouvir os artistas a declamar, nos ensaios, aprendeu «tiradas» completas, chegando quasi a saber os papéis de alguns deles. Um dia, um dos prin-

cipais intérpretes adoeceu, durante os ensaios. Francis ofereceu-se para o substituir, até às vésperas da estreia da peça. E tão bem se houve que o contrataram imediatamente.

Na Checo-Eslováquia, um artista, por muito talento que tenha, não pisa o palco sem ter cursado a Academia de Praga. Francis dedicou-se de alma e coração à aprendizagem — e conquistou imediatamente o mais alto prémio.

Foi esse o primeiro pilar sobre que assentou a sua carreira.

* * *

Percorreu então a Europa Central, numa «tournée» de sonho. Foi aí que definiu a sua personalidade admirável, que o devia tornar, mais tarde, famoso em todo o mundo. Foi intérprete dos melhores autores. Representou peças de Bernard Shaw, Ibsen, Shakespeare, Noel Coward, etc., etc. Muitos deles felicitaram-no pessoalmente pelos triunfos magníficos que ia acumulando.

As vedetas de renome mundial, as mais belas mulheres do Teatro da Europa inteira, disputaram-no, seduzidas

pelo seu apuro varonil e pelo seu talento histrionico.

Ao lado de Elizabeth Bergner, viveu, de forma notável, o papel de Romeu, no drama Shakespearano, *Romeu e Julieta*. Interpretou-o, de maneira absolutamente imprevista.

Em *Wunderbar*, cantou e dançou — e fez sensação em Berlim. O público cognominou-o de «Romeu bailarino» — e Francis Lederer depressa se tornou num ídolo.

* * *

Londres não tardou em propor vantajosos contratos ao grande artista checo. Queria-o contratar, porém, isoladamente — para o fazer actuar no seio da mais célebre companhia britânica do Teatro ligeiro. Com uma força de vontade espantosa, auxiliado pelos poucos conhecimentos linguísticos que já tinha, Francis aprendeu, em poucas semanas, o inglês. Com uma pronúncia deficiente, mas fiado no seu talento, Lederer apresentou-se ante o exigentíssimo público londrino, na peça *Meet my sister*.

Foi um êxito! Depois, representou,

interpretar em Londres *I'll Take de Bow Road*.

* * *

Francis Lederer é célebre. Provas infofismáveis da nossa afirmação: as 5.000 cartas semanais que, invariavelmente, recebe nos estúdios. Mas há mais — e mais convincente: As mulheres perseguem-no por toda a parte. Arrancam os botões do casaco, para conservar como relíquia. E este facto de arrancar botões do casaco — é um sintoma que não falha... Só Clark Gable, Robert Taylor e poucos mais se podem gabar, nestes últimos tempos, de serem as vilimas de semelhante fetichismo.

Em Londres e Nova York, fundaram-se vários «Clubs Francis Lederer» — e o famoso actor teve que contratar dois secretários, para ter a sua correspondência em dia.

E para acabar diremos que num recente concurso, Lederer foi classificado por milhares de cinéfilos, como «o ídolo das plateias elegantes».

Francis, que é cioso da popularidade, parece que não gostou muito.

MÁRIO AUGUSTO

O CINEMA NO VERÃO

Estamos em pleno verão. Nesta época é costume dizer-se que o cinema fecha, mas é enfim. Quem é que podia passar tanto tempo sem ver cinema?

* * *

O leitor ficou em Lisboa?
Eu sei, perfeitamente, o que essas coisas são — uma mobília nova, várias coisas, etc., sim, ir para férias era contra o orçamento, ficou pela capital.

E a leitora? O papá não conseguiu licença estes meses porque, lá na repartição, havia muitos colegas que não foram o ano passado, não é isso?

* * *

Que fazer nestes dias?
Ficar em casa, na varanda, a ver a poeira que os automóveis fazem na rua, e dizer: — Estou a tomar o fresco, é coisa só possível uma vez por ano.

Sentar-se à porta dum café, nas mesas espalhadas pelo passeio, e contemplar quem passa, com ar de turista que tira fotografias das palmeiras — é já insuportável.

Ir passear para o jardim, concordo, é fundamentalmente higiénico, mas (salvo algumas excepções!), é também muito aborrecido. Só as meninas que saltam à corda, os meninos que jogam aos polícias e ladrões, algumas meninas que jogam às escondidas com a mamã, as criadas que andam a passear... as «magalas», e as «mamãs» que andam a brincar com os carinhos de mão, é que gostam do jardim para passar as noites de verão.

* * *

Para onde ir?
Decididamente, Lisboa é uma cidade divertidíssima: «Luna-Parque», piscinas, recintos de patinagem, verbenas decentes — program-se, mas não se vêem.

O leitor desportista ainda vai até à sede do clube, joga uma bilharada ou uma partida de «ping-pong».

A leitora... é aquilo que a gente sabe. Jogar «ping-pong», no entanto, nestes dias de calor, é um verdadeiro absurdo: no fim uma partida, somos obrigados a mudar de roupa.

E o bilhar é duma monotonia só comparável aos aparelhos de T. S. F., que tocam todas, e todos os dias, a mesma coisa.

* * *

Para onde ir, então?
Se nada há, nesta Lisboa, que parece um castelo de luzes, e que tem em cada canto um caixote de lixo para nós deitarmos os papéis no chão; se nesta risonha capital ridículo andar em mangas de camisa porque se mostram os braços; se, enfim, isto, um pouco de Inverno, e totalmente no verão, não passa duma capital de província:

— Onde se consomem as noites lisboetas? Dois caminhos: ou numa série de «diversamentos» daqueles toleráveis uma vez por ano (visitas de família, passeio pelo jardim, etc...), ou, então, no cinema.

* * *

Há quem diga:
— É absurdo, com um calor destes, ir para a sala fechada, respirar ar viciado.

Resume-se tudo numa questão de vontade, porque, se quiséssemos, também diríamos, no verão, que era absurdo, com tão grande calor, chuva, o perigo das constipações à vida, e muito mais.

Por consequência, o leitor, convencido que pratica um absurdo, um acto incrível, quando assa os olhos pelo jornal e vê o programa, tendo a que os preços são mais baratos, que a esposa já há muitos dias que não vai, etc., etc... resolve-se, e manda marcar lugares.

Também a leitora acha destestável o cinema nesta temporada, mas, quando vê que o programa vai «aquele filme, muito bom, e que a Mimi falou», decide-se, e compra bilhetes.

Um pai de família consciencioso, tendo em vista que as «pequenas», etc., etc... vai também ao cinema.

E, por fim, a sala, se não toda, como em das épocas, pelo menos em parte, está cheia.

Um cinema, de verão, tem certas características agradáveis, que devemos lembrar antes de sairmos de casa.

Tem ventoinhas.
Permite que se esteja em mangas de camisa, enquanto a sala está às escuras.

Uma vez por outra, não tem documentário português, no programa.

Quasi sempre tem dois filmes num só cartaz, e, ainda por cima, não parece nada mal quando há pateada... Como sabem, bater com os pés é um grande prazer para certas pessoas, salvo seja.

* * *

Os motivos para dar pateada também não escasseiam. Filme que aparece desquadrado tem, além do sonoro, outro acompanhamento. «Fita partida» — é o pão nosso de cada dia (isto sem alusão).

Película riscada, é de todos os filmes. Sonoro avariado é, em todos os cinemas, uma vez por semana, pelo menos.

E a cada deslize destes, lá estão as tais «criaturas» a bater com os pés, a protestar corajosamente, e a esconderem-se do polícia, que avança, majestoso, pela coxia abaixo.

Quasi sempre, nestas alturas, aparecem uns indivíduos que, para darem ares de «bons rapazes», gritam, a fingir que estão furiosos: — Súcia de malcriados!

* * *

E venham cá dizer-me que o cinema, de verão, é um absurdo...

Venham falar-me do ar confinado, do calor...

Responderei com as ventoinhas, com os preços mais baratos, com os programas duplicados, com a oportunidade de ver boas produções, que escaparam durante a época, ou que gostamos de rever.

E os que insistem esquecem-se do pitoresco, do «à-vontade» de toda a assistência, onde a menina do lado come sorvete, o cavalheiro da frente está em mangas de camisa, enquanto a filha bate pateada e um rapaz de espírito grita, lá de trás, quando o galã beija a heroína:

— Um a zero!

* * *

Característicos, ainda da época quente, são os programas.

Cinemas que abrem todos os dias — todos os dias mudam de filmes. Só quando não conseguem alugar outros, é que exibem os de véspera, alegando no jornal, com ar ingénio: a pedido.

Algumas salas agrupam uns tantos filmes de certo género, e depois anunciam: semana de tal (está claro que o tal substitue-se por qualquer nome pomposo).

Há também exibidores que, na mesma sessão, levam filmes do mesmo actor ou do mesmo realizador, e dizem: — Dia de senhor fulano, dia de cicrano, etc... Neste último género, Shirley Temple teve bater todos os «récords», pois já este verão se juntaram três filmes seus, num só programa.

Como era uma sessão de estio, o exibidor quis, certamente, «gelar» a assistência, o que deve ter conseguido.

* * *

Dizem que, no verão, o cinema é absurdo, é invisível, que o ar é confinado, a atmosfera asfíxiante!

Exagêro.
Tem uma série de vantagens que o recomendam, alguns inconvenientes, é certo, mas que se remediaram.

Sejamos justos — as salas que exibem, mesmo durante esta época, têm direito incontestável à nossa gratidão. Nesta Lisboa, que a pesar de «ter o Tejo aos pés», do que tem mais falta é de água; onde vultos amarelos levantam pó a todas as horas; onde não há um Luna-Parque, nem piscinas — os cinemas são, ainda, o nosso melhor refúgio.

Tem inconvenientes... Mas tem pitoresco, vantagens diversas.

E, aqui é que bate o ponto, sempre há uma sessão ou outra que nos poupa o dissabor de assistirmos ao documentário português.

BERNARDO GARCIA.



Jane Knight, num traje de estio, que nos evoca o pitoresco de 1900

REINALDO FERREIRA E O CINEMA

«Junot», uma peça que merecia ser transportada para a tela



EM CIMA:—Uma cena de «O Taxi 9297», filme estreado a 9 de julho de 1927, no Jardim da Trindade e Salão Batalha, do Porto. Como intérpretes, figuravam Maria Emilia Castelo Branco, Fernanda de Sousa, Henrique de Albuquerque, Alves da Costa, etc. EM BAIXO:—Uma imagem do «Groom do Rit», que o Central apresentou a 17 de julho de 1924. Tanto uma como outra destas fotos são reliquias que documentam a época heróica do cinema em Portugal—e que atestam ao mesmo tempo a arrojada iniciativa de «Repórter X», que poderia ter sido um elemento precioso dentro da nossa indústria organizada.



«Repórter X», pseudônimo que Reinaldo Ferreira usou em vida, não necessita de apresentação, quer como escritor, quer como jornalista. São bem conhecidos os seus vastos conhecimentos literários, e a sua prodigiosa imaginação.

Poucos conseguirão a popularidade que ele nalguns anos alcançou. As suas obras tiveram, sempre, grande aceitação. Reinaldo, com a mesma facilidade com que nos descrevia uma horrorosa cena de guerra, narrava-nos, com simplicidade, um caso de amor rústico ou uma aventura amorosa. Cultivou, por assim dizer, todos os gêneros de literatura. Era uma das maiores imaginações portuguesas!

Ultimamente, nos jornais «Repórter X», «Novela Policial» e «X», Reinaldo Ferreira, chamou a si, um enorme público. Os seus escritos tinham o condão de cativar todos aqueles que os liam. Era um jornalista vigoroso, ávido de assuntos sensacionais. Fez grande nome, também, em reportagens internacionais. A última, senão estamos em erro, foi há alguns anos quando do caso do Angola e Metrópole. As suas crô-

nicas de Londres eram esperadas com visível interesse.

Foi, sem dúvida, o maior repórter português.

Se no jornalismo, a falta de «Repórter X» se sentiu, no teatro, não foi menos notada. A sua brilhante inteligência, legou, nos paleos portugueses, algumas boas peças. Destacamos na sua passagem pelo teatro: *A Dama do Sud*, representada no «Gimnásio»; *O homem que mudou de cor*, levada à cena no «S. Luiz»; e a peça a que acima nos referimos — 1808 —, que obteve no «Nacional», o melhor acolhimento do público e da crítica. Três gêneros absolutamente diferentes, três grandes fases do seu inextinguível talento.

A Dama do Sud, fêz cartaz — como sói dizer-se nos meios teatrais. Agradou, sem reservas. Seguiu-se-lhe 1808, no «Nacional»; foi outra grande noite de consagração para «Repórter X». Depois, *O homem que mudou de cor*, representada no «S. Luiz» numa época terrível, não deu o número de representações que a peça merecia. Apesar disso, ninguém poupou elogios ao novo trabalho de Reinaldo Ferreira.

«Repórter X», nome bastante conhecido além fronteiras, dispensou, também, um pouco da sua incansável actividade no cinema nacional. No tempo do mudo, foi argumentista e realizador de quatro películas na «Repórter-X-Filmes». São elas: *O Taxi n.º 9297*, de grande metragem, e as pequenas produções: *Rito ou Rita? Hipnotismo aos domicílios* e *Vigário Fool-Ball Club*.

Nesse tempo, o cinema lutava com bastantes deficiências. Só uma grande persistência e vontade de acertar, levariam qualquer mortal a meter ombros a um negócio tão espinhoso. Se hoje, ainda há quem diga que estamos principiando, o que faria há mais duma década de anos. Os artistas, duma maneira geral, eram feitos pelo «metteur-en-scène», trabalhados por ele. Reinaldo Ferreira, não se furtou a esforços, ele próprio escreveu os argumentos — como acima dizemos — e a braços com uma enorme erise de técnicos dirigiu as filmagens.

*
* * *

Mais tarde, e com original seu, realizou para a «Turia-Pick-Filmes», de Barcelona, *O Groom do Rit*, que bastante êxito alcançou. Recordar a sua passagem pelo cinema, é reviver os primeiros passos da arte das imagens.

Falamos, hoje, de Reinaldo Ferreira, não só porque a admiração que por ele sempre tivemos assim o exige, como também, pelo desejo de trazer a lume um trabalho de merecido valor, a nosso ver adaptável ao cinema, com grandes vantagens para a indústria cinematográfica portuguesa.

Há meses, João Gaspar Simões, no *Diário de Lisboa*, citou algumas obras, com possibilidade de serem adaptadas ao cinema. Lendo o artigo, veio-nos à memória a consagrada peça teatral de Reinaldo Ferreira, 1808, e perguntámos, a nós mesmos, se a sua realização cinematográfica seria viável. Tendo em atenção as precisas qualidades da citada peça e a justa campanha. Ultimamente, desenvolvida a favor da viúva e dos órfãos do grande escritor, achámos o momento oportuno para lançarmos a ideia.

1808 dará argumento para um filme? Crêmos que sim.

É muito possível, que quem a viu representada no «Teatro Nacional de Almeida Garrett», pela companhia Amélia Rey Colaço-Bobles Monteiro, não tivesse então, pensado no argumento que dali se poderia extrair. É possível e desculpável. A maioria dos espectadores, foi ver o trabalho de «Repórter X», e não fazer vaticínios sobre o seu futuro noutra modalidade artística. O mesmo não

sucedem, decerto, a quem se interessa por coisas de cinema.

Não pretendemos, de maneira alguma, esboçar nesta página o argumento. No entanto, citaremos, em 1808, algumas passagens aproveitáveis para um filme — salvo melhor opinião.

O conflito amoroso desenvolvido pelo autor, poderia servir de enredo, aproveitando, ainda, o diálogo e introduzindo cenas a que a peça alude, que não foram feitas no palco, dada a exiguidade de dêste.

Recordamo-nos, por exemplo, dumas pequenas escaramuças, entre soldados às ordens de Junot e a plebe; dum formidável espectáculo que deveria ser feito em «S. Carlos», para apresentação da bailarina Lidia Toscani, cuja conquista o célebre cabo de guerra tanto ambicionava; a reconstrução das forças invasoras, seria uma das passagens mais vistosas e políeromas; nos arredores de Lisboa, desenrola-se-iam várias fases, aproveitando costumes típicos e a sua impecável patinação; algumas cenas cómicas, dariam ao filme, um pouco de humor. Enfim: encontrar-se-iam diversos assuntos numa película, do gênero de alta comédia, absolutamente nossa e de interesse internacional.

Dado o grande predomínio das forças de Napoleão em quasi toda a Europa, não é de estranhar a aceitação que 1808 poderia ter no mercado estrangeiro, desde que fosse um filme feito com cuidado. Não falando em possíveis versões. Apesar de ser um filme extraído duma peça teatral, e nós sermos adeptos de originais, não deixamos de reconhecer em 1808 apreciáveis qualidades cinematográficas, sob vários pontos de vista. Uma vez concluído o filme, conseguiríamos um largo passo em frente na indústria nacional de cinema, obtendo, ao mesmo tempo, artística e comercialmente, um êxito satisfatório.

Não será muito árduo arranjar os elementos necessários para a realização do trabalho de «Repórter X». Com boa vontade e os recursos a que já podemos recorrer, não seria muito difícil produzir um trabalho perfeito.

Estamos convictos que os nossos capitalistas se interessarão para que a nossa iniciativa vá à frente. E os nossos cineastas prestando o seu concurso à ideia que estamos defendendo, colaborarão, assim, numa homenagem a um dos mais fervorosos adeptos e iniciadores da cinematografia portuguesa.

Aqui fica o alvitre, escrito com sincera convicção, para que as entidades a quem o assunto deva interessar, dispensem ao original de Reinaldo Ferreira, o acolhimento a que tem já.

SANTOS MENDES

ZIEGFELD.

Visto por MISTINGUETT e JOSEPHINE BAKER



TRANSPOR para a tela a vida de Ziegfeld, tal como se acaba de fazer, é a mais bela homenagem que o cinema americano poderia render ao homem que consagrou ao «music-hall» o melhor das suas prodigiosas faculdades, o seu génio criador da forma e da luz.

Ziegfeld, o animador das revistas de Broadway... Florenz Ziegfeld. «The big Z», como o cognominaram os nossos amigos americanos.

Tive a alegria de ser contratada por ele, e de me apresentar sob os seus auspícios, no Amsterdam Theatre, em Nova-York, em 1927. Fiquei, tanto dele como do seu colaborador e amigo, Ned Wayburn, com as melhores recordações. Foi o mais extraordinário dos realizadores que o «music-hall» teve até hoje.

A sua vida era um misto perpétuo de dinamismo fulgurante e de «nonchalance» paradoxal.

Cesde as 6 da manhã, telefonava, telegrafava, falava, ditava a quatro secretárias reunidas em redor da sua cama. Assinava contratos, ouvia as queixas duma «chorus-girls», descompunha um operador porque fizera uma projecção de luz defeituosa, ralhava, assobiava, pensava nos seus espectáculos futuros, calculava as receitas do dia seguinte, ouvia ler as críticas dos jornais — e mantinha os seus colaboradores, num estado de agitação continua. Trabalhava até não poder mais, e, no final da sua carreira, já em decadência, apresentou quatro revistas grandiosas.

Num *Kid Boots*, revelou ao público Eddie Cantor, que se devia tomar depois numa

vedeta de Hollywood. E outra, intitulada *The Comic Supplement*, Ziegfeld lançava uma personagem, que devia fazer a fortuna do cinema burlesco: W. C. Fields, que o público tanta vez tem aplaudido.

Consagrava o melhor do seu esforço em descobrir beldades femininas, cada vez mais perfeitas. Quando lhe perguntavam se tinha preferência por algum tipo de mulher, respondia que apreciava aquela que mais agradava ao público de Broadway. Fôsem elas loiras ou morenas, ruivas ou platinadas — todas as suas «girls» eram sempre impecáveis de formas e perfeitas de pernas.

No fim da sua carreira, Ziegfeld, que prodigalizara dinheiro, a torto e a direito, loucamente, inverteu os seus derradeiros capitais em diversas operações em Wall Street. Estes negócios foram desastrosos, e o «Grande Z» arruinou-se totalmente. Caiu, então, gravemente enfermo. Sua segunda mulher, Billie Burke (desposara antes, em primeiras núpcias a artista francesa Anna Held), teve que voltar ao palco, para sustentar o filho. Ziegfeld morreu na miséria, mas legou ao mundo do «music-hall», e aos «music-halls» do mundo inteiro, um nome que é o símbolo perfeito daquilo a que chamamos a *Revista «à grand spectacle»*.

ESTA na 17.ª semana de exibição, no Astor, de Nova-York, o filme «Ziegfeld, criador de estrelas», o espectáculo musical mais rico e esplendoroso, que a tela, até hoje, nos tem dado. Glorifica o filme a figura de Florenz Ziegfeld, o mais célebre dos empresários de «music-hall» de todos os tempos, e que morreu, na miséria, há poucos anos. Leva três horas a correr — uma revolução completa na concepção do espectáculo cinematográfico.

E porque a figura de Ziegfeld pode ser desconhecida do público português, publicamos, em rigoroso exclusivo, os dois artigos, de Josephine Baker e Mistinguett, onde a figura do mago do espectáculo aparece curiosamente focada e definida:

Não vai longe o tempo em que Broadway inteira estava cheia do nome de Ziegfeld e das suas famosas «Ziegfeld Follies». Grandes «panneaux» luminosos, a rádio, a imprensa, todas as modalidades da publicidade levavam aos quatro cantos dos Estados Unidos o nome e renome de Ziegfeld e dos seus espectáculos.

Esta voga inaudita era perfeitamente justificada, tal o cuidado que Ziegfeld punha na apresentação das suas revistas.

Nenhum pormenor lhe parecia desprezável. O tom da iluminação, a cor, dum fato e as pernas duma «girl» pareciam-lhe igualmente dignas de chamar a sua atenção.

Conseguira o milagre, graças a uma selecção severa, de apresentar apenas criaturas perfeitas, não só ao seu gosto pessoal mas

ao do público de Broadway — «o seu guia», como ele costumava dizer.

Chegou, desta forma, a «standartizar» a beleza feminina, segundo um ideal perfeitamente definido.

Recordo-me de haver assistido a numerosas revistas de Ziegfeld, e nessa altura nunca pensei que viria o dia, em que seria apresentada, como vedeta, no mesmo palco onde se exibiam os sumptuosos espectáculos que me não cansava de aplaudir.

É indiscutível que a Ziegfeld o «music-hall» deve muito da sua arte. O famoso empresário vinha frequentes vezes à Europa e a França buscar os motivos para a sua revista, os motivos que podiam torturar o espectáculo numa obra de arte de superior beleza.

É por tudo isto que todos aqueles que se interessam, de perto ou de longe, pela vida febril e apaixonante do «music-hall», devem sentir-se felizes, por a América ter consagrado a Ziegfeld, um grande filme — forma moderna duma consagração definitiva.

O nome de Ziegfeld é caro a todos nós, autores, realizadores e intérpretes — porque é o nome dum homem que, toda a sua vida, lutou por obter, para a nossa arte, aquela perfeição que nos norteia.



CARTA DO PORTO

ESTA-SE tornando verdadeiramente consolar, numa aubúncia de simpatia que nunca foi verificada com tanta intensidade, o interesse, o verdadeiro entusiasmo, com que é aguardada, nesta cidade, a apresentação do novo filme de Leilão de Barros.

O que mais impressiona, porque se torna profundamente desvauecedor, é o facto de, praticamente, vemos o filme lançado, entre certo público, numeroso e entusiasta, sem que tenha sido feita qualquer publicidade comercial e até mesmo porque a imprensa cinematográfica não tem sido prodiga na divulgação dos habituais detalhes da sua realização.

Qualquer que seja o resultado prático proveniente da estreia de «Bocage», qualquer que venha a ser a opinião do público ou a judiciosa sentença da crítica, a verdade é que se outra recompensa não tivessem os construtores de mais esse pilar da arte cinematográfica nacional, esta antecipada auréola de simpatia era já um justo prémio a compensar os inauditos esforços dos seus realizadores.

Se, o fruto material de tanta canceira dependia, a um prémio indispensável a quem arrisca o seu dinheiro e esfrangalha os nervos, não deixa de merecer todo o relevo esta expressiva, esta significativa demonstração de carinho por uma obra onde se consomem anos de vida e os melhores pedaços de alma humana.

O Porto aguarda, com inusitado interesse, a apresentação de «Bocage».

Se esse tão simpático anseio, disvelo que confunde e conforta, é proveniente do respeito que infunde a obra, notável para o nosso acanhado meio, de Leilão de Barros ou se é difundida pela popularidade da figura que serve de motivo principal do filme, não o sabemos, nem, no momento nos cabe profundar.

Merece-nos mais atenção o facto do que as suas determinantes.

Se é apenas um sentimento de patriotismo que faz brotar, tão espontânea e vibrantemente, essa curiosidade, por se tratar de um filme português, ou se ela provém da pretensa classificação de valores, duma destrição que, a nosso ver, no momento só tem razão de existir como demonstração de vitalidade, também não o podemos demonstrar.

Cuidamos mais da «méta» a atingir do que da qualidade de esteira a percorrer.

O que é mais verdade é que se verifica, bem patente e incontestável, a existência dum sector da população cidadã absolutamente pura da emoção, da ansiedade que lhe há-de proporcionar essa «prémie», pelo que não é difícil augurar que terá foros de verdadeiro acontecimento.

Não sabemos se, como o costume, «Bocage» virá abrir novos horizontes à indústria portuguesa do filme, desconhecemos se, desta vez, se vai dar o tal passo firme, e em frente, no verdadeiro caminho da produção, nem tanto podemos prever se, finalmente, podemos concorrer com o que de melhor se produz nos estúdios estrangeiros.

O que podemos garantir, porque saímos, porque conhecemos, porque vemos, é a existência verídica, evidente, dum interesse vulgar, dum entusiasmo espontâneo e caracterizadamente afectivo por uma obra que ainda é um ponto de interrogação.

O que devemos afirmar é que esse movimento de simpatia, revelando um ambiente propício à apresentação dum filme, demonstra a dedicação do público anónimo pelo pelo cinema português, de que Leilão de Barros tem sido um esforçado propugnador e de que, decerto, «Bocage» será o justo prémio de uma dedicação sem limites.

E que assim é vai o público cinéfilo

do Porto demonstrá-lo, possivelmente, dentro de dois meses.

O cinema e os diários

Em mês da inauguração da grande temporada cinematográfica, da abertura da estação das novidades fílmicas, não vem fora de propósito um lamento de que nos vimos fazendo eco, há mais de dez anos, e que, nem por isso, tem perdido a mais pequena parcela da sua flagrantíssima oportunidade.

De há muito nos convencemos de que o espirito rotineiro de certa facção da opinião pública, nos obriga a lembrarmos-nos do velho ríflor que diz que «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura». E por isso persistimos no nosso velho ponto de vista que continua a ter a maior actualidade.

Os jornais diários do Porto, e, de resto, quasi todos os diários portugueses, ainda não dedicaram à vida cinematográfica, plena de assuntos, de curiosidades e de oportunismo, a atenção e o espaço a que a sua importância lhe dá indeclinável direito.

Gastam-se colunas e colunas, e até páginas, com assuntos que não têm tanta importância nem tanto público como o cinema, e no entanto, a arte de imagem animada é vtada a um esquecimento imperdoável.

Já o dissemos e não nos cançamos de o repetir. O desporto não tem mais público do que o cinema. Quando muito, igualam-se. O desporto não dá, nos diários, em publicidade, verba que, nem de longe, se assemelhe à que lhe dá o cinema.

Porque razão, os diários do Porto não dedicam à sétima arte uma página semanal ou uma coluna diária, quando o desporto quotidianamente, e em quasi todos eles, ocupa quasi uma página? Esta diferença de tratamento, entre os dois assuntos não tem razão de existir. Apenas, presumivelmente, entusiasmas mais os milhares de espectadores dos «grounds», porque se nos apresentam em conjunto, uma vez por semana, do que um número, talvez, maior de espectadores que, fragmentariamente, frequentam os cinemas todos os dias.

E verificamos ainda que, dentro da cidade, têm semanalmente frequência avultada, um ou dois campos de football, ao passo que funcionam regularmente 7 cinemas — alguns dos quais dão dois espectáculos por dia.

Sem desprimor para ninguém, visto que, praticamente, o que interessa — e convence — são apenas os factos, mais uma vez lembramos, até no próprio interesse material das empresas dos diários, a alta conveniência de, na abertura da época cinematográfica que se aproxima, entre o habitual amontoado dos «fait-divers», nos darem uma das secções a que, presentemente, nenhum diário estrangeiro deixa de dedicar boa parte da sua atenção e espaço — o cinema.

Demais, não havendo, no momento, no Porto, nenhum jornal da especialidade nem tão pouco, por estes tempos mais próximos, ser fácil a criação de um novo órgão da especialidade. Infelizmente.

O programa da Aliança Filme

Acaba de nos ser gentilmente oferecido o catálogo dos filmes a apresentar na próxima temporada, pela novel mas já bem conhecida casa distribuidora Aliança Filme, desta cidade.

Grato à vista, pela sua impecável e luxuosa apresentação, visto que um notável sentido de bom-gosto predomina em todas as suas páginas, meticolosamente organizado, para completa elucidação dos exhibidores, este documentário gráfico das possibilidades da Aliança Filme revela o superior critério que preside à sua orientação — critério de

selecção artistica e directriz comercial.

Esta casa, que há um ano representa, em Portugal, a reputada empresa produtora americana RKO-Rádio, depois de ter apresentado, na última temporada, alguns dos maiores êxitos da época, e de nos ter dado ensejo a conhecer alguns dos artistas mais reputados, internacionalmente, tem congregado os seus maiores esforços na selecção do lote de produção a estreiar e que são de molde a não só continuar mas a aumentar a aura de prestígio que a RKO-Rádio conquistou na sua primeira época portuguesa.

De entre os filmes com que a Aliança vai animar os cinemas nacionais, atraindo um público numeroso, contam-se três produções do inigualável par Ginger Rogers-Fred Astaire e dois com esse estranho e vulgaríssimo temperamento artistico que é Katharine Hepburn, sendo destes, possivelmente, o mais notável *Maria Stuart, Rainha da Escócia*, a que a crítica estrangeira tem tributado os mais rasgados e entusiásticos elogios.

A Rádio vai dar-nos ensejo a apreciarmos ainda uma das mais famosas cantoras líricas — Lily Pons — que em *A canção do amor* sobrelevará as melhores vozes que o cinema nos tem dado a ventura de ouvir.

Entre outras obras de destaque figura, no catálogo que temos presente, *O pirata bailarino*, novo filme de grande metragem, feito em tricolorido — uma *Cucaracha* em ponto grande — e que é a confirmação plena das incomparáveis possibilidades da nova técnica.

A pesar de muitas outras produções de igual mérito, a Aliança Filme, para reforçar o seu «stock», adquiriu um lote de cinco filmes europeus de grande categoria: *Lucrecia Borgia*, com Edwige Feuillée e Gabriel Gabrio, com realização de Abel Gance; *Mister Flow*, o popular romance de Gaston Leroux, com o querido e distinto actor Fernand Gravey; *Porto-Arthur*, a história da guerra russo-japonesa, com Danielle Darrieux e Adolph Wolbruck, direcção de Nicolas Farkas; *Beethoven*, uma página da vida do grande compositor, realização de Abel Gance, e *Quando o raxinol canta*, a última produção da encantadora actriz Marlia Eggerth, em que a famosa cantora nos vai deliciar com a sempre aliciente valsa *Danubio Azul*.

Com tão excelentes produções, em que o interesse do enredo se alia ao seu alto valor artistico, é natural que a Aliança Filme, que, há um ano, tão auspiciosamente iniciou a sua acção, veja, na próxima temporada, profundamente aumentado o seu raio de actividade — como justa recompensa do seu espirito de selecção e da probidade da sua orientação impecável.

CARLOS MOREIRA

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

Á VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras

a côres—Capa a côres

Enc. 1850

ofaxi, Lda

TODOS OS ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA

TRABALHOS PARA AMADORES

GALERIA FOTOGRAFICA

TEL. 2 8836

R. AUGUSTA, 110, 118/LISBOA

Cosmetina

...que refresco, que garante a supressão do odor, afasta todo o mal estar consequente dos períodos e evita dores e inflamações, é um preparado necessário para a higiene da mulher.

Um único ensaio assegurará a sua superioridade e de tal forma, que em casa, em sociedade, em viagem, passeio ou «sport», COSMETINA não é um simples perfume cuja eficácia seria irrisória.

É um cosmético de base científica absolutamente eficaz e segura.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

A venda nas boas casas

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27

Telefone 1 1365 e 2 1227

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48500

25 " 6 meses 24500

12 " 3 meses 12500

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 63500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

"A MENINA IRENE"

ESTAMOS numa sala decorada à inglesa e iluminada por potentes projectores, que lançam sobre o smóveis e os tapetes a sua bela luz azul e branca. O director de cena levanta o braço e impõe silêncio absoluto a todos os presentes. Cessam como por encanto as pancadas dos martelos e as conversações a meia-voz. O silêncio é tal que se podia ouvir cair um alfinete. E então, a um sinal do director, ouvem-se lá fora os gritos e a algazarra de crianças brincando. Uma governante aparece na porta interior, atravessa a sala, e chegando-se à varanda pede às crianças para não brigarem «senão, quando a mamã vier, ela contar-lhe-á tudo». E a pequenada cala-se, de repente, para recomençar mal a governante desaparecer.

Esta cena pertence a um filme movimentado e palpitante que tem o título de *A Menina Irene*, e que o espirituoso Reinhold Schünzel está realizando nos estúdios da Ufa. O argumento é decalcado de uma peça inglesa, que obteve enorme êxito nos teatros de Berlim, o que aliás pouco significa porque o teatro e o cinema são irmãos gémeos, sim, mas às vezes não se parecem nada um com o outro...

A protagonista do filme é uma linda viúva para quem a vida é ainda um mundo de esperanças. Inteligente e acti-

va, o seu salão de modas é frequentado pelas senhoras da alta sociedade inglesa. Certo dia, para descansar de tantos meses de trabalho, ela faz as malas e manda reservar quarto num dos melhores hotéis de Monte-Carlo. Pouco depois da chegada à Costa Azul, toma conhecimento com um simpático rapaz que se apaixonou por ela. Os dois seguem para Paris, onde ele lhe mostra os teatros e os «cabarets» mais célebres da Cidade da Luz.

É também em Paris que ele se declara, obrigando-a a revelar o que ela até então não quisera dizer-lhe: que é viúva, que tem duas filhas, que adora, e que não pode dar o seu sim, enquanto não falar com elas. Ele concorda, e segue com ela para Londres. A filha mais nova não opõe dificuldades, mas a mais velha, a Irene, não compreende a atitude da mãe, que dizia amar idolatradamente o falecido pai. A pequena vê-se lançada para um conflito de consciência, o ponto de pensar no suicídio. Só mais tarde é que ela acaba por compreender a mãe, aprovando a sua conduta.

Sabine Pellers, a intérprete de *Menina Irene* no teatro, desempenha o mesmo papel no novo filme. O papel da mãe é interpretado por Lil Dagover.

Berlim, Aosto, 936.

M. B. SANTOS E SILVA



Nino Martini, rival de Kiepara, e que agora trabalha na United

Em 3 Dias, Uma Pele Nova Macia, Branca Aveludada



**Os Poros Dilatados
os Pontos Negros e
as Grosseiras Escamas
da Pele Desaparecem
— Experimente esta**

Receita dum Especialista

Milhares de senhoras têm os poros dilatados e ignoram-no. Todo o poro dilatado é devido a uma irritação. Pode desembaraçar-se da irritação dos poros da pele, mas não evita que corpos estranhos se acumulem neles e daí resultam, os horrendos pontos negros, borbulhas, impingens, cores pálidas e terrosas e uma pele grosseira e seca.

O Creme Tokalon, Cor Branca (não gorduroso) contém, presentemente, uma nova cera extraída das flores e combinada com o creme fresco e azeite prensados. Tónico, adstringente e astringente, penetrando rapidamente, alivia a irritação das glândulas cutâneas, dilata os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal maneira que des-

parecem, aclara e amacia a pele mais escura e áspera. Mantém a epiderme mais seca numa tênue humidade, mas isenta de gordura. Serve também para desvanecer o brilho dumha pele oleosa ou o dum nariz lúcido.

O Creme Tokalon, Cor Branca, torna, em 3 dias, a pele dumha beleza e dum frescor indescriuíveis, e isto dumha maneira impossível de obter de outro modo. Dever-se-ia empregar-lhe todas as manhãs. Se tem rugas e os músculos do rosto flácidos, deveria empregar também o Creme Tokalon, alimento para a pele (Cor de Rosa), à noite, antes de se deitar — alimenta e rejuvenesce a sua pele, durante o sono.

À venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Uma carta da Liga Portuguesa de Profilaxia Social

DA Liga Portuguesa de Profilaxia Social recebemos uma nova carta, que publicamos na íntegra, para encerrar o assunto que nestas colunas se tem debatido, a propósito do «papão do meu cinema».

Um reparo apenas: quando apodamos de «unilaterais» a campanha da Liga quisemos dizer que gostaríamos que a par do ataque ao mau cinema se procurasse desenvolver o gosto pelo bom cinema — forma mais racional e radical, de combater aquele.

É desenvolver o gosto pelo bom cinema ou fomentar a exibição dos bons filmes não é apenas adquirir e fazer exhibir filmes culturais como o da higiene da boca, de grande valor didáctico, pedagógico e social, por certo — mas de fraco interesse espectacular, sem dúvida.

A missão do cinema educativo é vasta — e por filmes educativos temos que entender, praticamente, muitos dos que pelas nossas telas se exibem. Procurar que esses filmes tenham público e muito público — eis uma campanha profiláctica e simpática, sob todos os aspectos.

Regoziamo-nos com a boa vontade, pela Liga manifestada, de impulsionar o cinema educativo. Oraçã, e fazemos votos sinceros, que neste campo possa alargar a sua esfera de acção — e lerá as colunas desta revista à sua disposição, para propaganda da Cruzada, que se impõe.

É do teor seguinte a carta que nos foi endereçada:

Sr. Director: — Agradecendo a publicação na íntegra da nossa carta anterior, e bem assim o reconhecimento da parte de V. Ex.ª de que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, sob muitos aspectos, é creadora dos maiores êxitos, pedimos licença para aduzir ainda umas breves considerações.

Em primeiro lugar não compreendemos o que V. Ex.ª quer dizer classificando a nossa campanha de «unilateral». Pois se nós, nessa mesma carta que V. Ex.ª teve a bondade de reproduzir, dizíamos:

«Para terminar, uma afirmação, desafiando desmentidos: A Liga Portuguesa de Profilaxia Social nunca se pronunciou em globo contra o teatro ou contra o cinema, cujo importante papel social e educativo — desde que se trate de bom cinema e de bom teatro — compreende e exalta.»

Para melhor entendimento da maneira como temos orientado estas campanhas, queira V. Ex.ª dar-se ao incómodo de percorrer os artigos especiais da Liga, «O Cinema e a Higiene Social», a que já fizemos referência na nossa carta anterior, e que vieram publicados no importante diário «O Comércio do Porto» dos dias 14.11.35, 11.12.35, 12.12.35, 21.12.35, 31.12.35 e 22.1.36.

Quanto à opinião de S. Santidade Pio X, eis o que se lê numa local das «Novidades» de 22 de Abril p. 1.ª, 1.ª pág.:

«PIO XI. NO DISCURSO QUE FEZ AOS CONGRESSISTAS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL CINEMATOGRAFICA, INSURGENTE CONTRA A MORALIDADE DO CINEMA»

«Vaticano, 21 — Sua Santidade recebeu hoje um trinta congressistas que tomam parte no Congresso Internacional da Imprensa Cinematográfica, reunido em Roma. Num curto discurso o Papa protestou contra o «diletantismo» que «jámal fez alguma coisa de boa» — afirmou. O «diletantismo» — acrescentou Sua Santidade — sinónimo — salvo raras excepções — de inconsistência.»

«Passando à questão da moralidade do cinema Sua Santidade declarou: «Muitos de pessoas que vão ao cinema para verem, com demasiada frequência — exhibir-se dumha maneira atrevida tudo o que não possa, muitas vezes, de ultraje e insulto ao que mais delícado há nas almas.» Não fala somente em nome da religião — frisou. «Falo — disse — meus do ponto de vista religioso do que do ponto de vista de todos os sentimentos da família, do Estado e da Nação.» Depois de ter exprimido a sua confiança no futuro, Pio XI deu a benção aos congressistas.»

Finalmente manifestamos a nossa concordância quanto à opinião de V. Ex.ª relativa às deficiências de Portugal em matéria de Cinema Educativo. Mas ainda aqui pudemos informar V. Ex.ª que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a pesar do regime de deficit permanente em que vive (como aliás tantas outras instituições altruístas), já adquiriu nos Estados Unidos uma bella e relativa à Higiene da boca, que foi aproveitada em duas conferências do Ex.º Sr. Dr. António Paul, chefe Assistente da Faculdade de Medicina do Porto e Presidente do Núcleo do Norte da Sociedade Portuguesa de Estomatologia, e em duma foi lida nos Liceus Rodrigues de Freitas e D. Carolina Michaelis, Escolas Comerciais Mousinho da Silveira e Oliveira Martins, Escola Industrial Infante D. Henrique, Instituto Normal Primário, Colégios de Ermeizide, João de Deus, Neolano, Nuno Alvares e Escola Moderna, bem como na Juventude Antoliniana e Circulo Católico o que significa terem já os seus ensinamentos utilizado a alguns milhares de adolescentes.

E a Liga, logo que as suas circunstâncias económicas o permitam, adquirirá e fará publicar outras películas análogas, para o que já possui óptimos catálogos, como o do Instituto Nazionale L. U. C. E.

Desde já muito agradecemos a publicação desta carta, com toda a consideração nos subscrevemos — De V. Ex.ª, etc., Gil da Costa — António Emílio de Magalhães.

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 47 — 7 DE SETEMBRO DE 1936 — 5AI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA